

5 Considerações finais

Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza.

Morin, 2000

Nosso objetivo maior, como explicitado no Capítulo 1, foi examinar o papel da L1 no processo de ensino-aprendizagem de L2 por aprendizes adultos, com foco no inglês empregado por falantes nativos em aulas de PL2E. Para tanto, propomo-nos a observar, num período de dez horas-aula, os momentos em que esses alunos recorreram à sua L1, analisando se isso constituiria ou não um recurso pedagógico. Buscamos, dessa maneira, (I) questionar as teorias e os métodos de ensino de L2 (cf. Seção 1.2.1) que promovem a noção tão disseminada de que a L1 se impõe como uma barreira ao desenvolvimento de uma L2 e (II) demonstrar que nesse processo as duas línguas são complementares, e não excludentes.

Realizamos, então, uma revisão da literatura existente acerca dessa interface L1-L2 e encontramos duas importantes pesquisas que ratificam nossa suposição da complementaridade das duas línguas no processo de aprendizagem, a saber, mais recentemente, Mello, 2002 e 2004, e, anterior a ela, Atkinson, 1987 e 1993. Em seguida, buscamos os conceitos que poderiam fundamentar essa hipótese, encontrando-os na psicanálise, que reivindica a visceralidade do laço existente entre o sujeito e sua L1; no interculturalismo, que ilumina a relação da cultura desse sujeito com aquela trazida pela L2; e, por fim, na chamada socioconstrução do conhecimento, que dá conta da dimensão social que tem a aprendizagem de L2, sem prescindir de seu caráter subjetivo. Em seguida, desenvolvemos a análise apresentada no capítulo imediatamente anterior, que, não total mas predominantemente, corroborou a ideia da complementaridade das duas línguas.

Enfim, acreditamos ter cumprido a proposta desta tese, alcançando os objetivos levantados e contribuindo, assim, para os estudos sobre aprendizagem de L2, especialmente do português, pois pudemos saber um pouco mais acerca do

lugar que o IL1 tem na sala de aula de PL2E, espaço que costuma receber um grande número de alunos falantes nativos da língua inglesa. Entretanto, parece-nos importante reconhecer que investigar essa relação L1-L2 é tarefa sumamente complexa, que merece várias pesquisas particulares, de natureza teórica e experimental, em especial se formos além da ideia genérica de duas línguas quaisquer e tentarmos entender a interface entre duas línguas específicas, como fizemos nesta pesquisa, tratando do PL2E e do IL1. Seria bastante enriquecedor para o ensino de PL2E, cuja sala de aula se caracteriza fortemente pela diversidade de línguas e culturas, a implementação de pesquisas que, como esta, tratassem da relação entre o PL2 e o francês como L1, ou o italiano, ou o espanhol etc., tendo em vista não apenas questões de descrição gramatical, mas também do encontro de culturas e da (des)construção de identidade.

Em outras palavras, esta pesquisa é apenas um pequeno passo em direção à facilitação dessa tarefa tão misteriosa que é aprender uma nova língua: simples e prazerosa para alguns, difícil e áspera para outros, ou, ainda, para um terceiro grupo de pessoas, um meio termo entre esses dois extremos. Esse fenômeno se revela até mais complexo quando tratamos do português, língua que reflete uma cultura transbordante de diversidade. Na comunicação do brasileiro, língua e relações sociais se misturam, sendo necessário ao estrangeiro falante de inglês, por exemplo, aprender que chamar uma mulher de *você* ou de *senhora* faz toda a diferença. E se o professor entende que na língua desse estrangeiro existe a confortável forma *you*, que ele usa sem grandes consequências pragmáticas, será mais fácil compreender sua dificuldade ao lidar com as formas de tratamento do português (cf. Meyer, 2004). Isto quer dizer as escolhas feitas no sistema linguístico do português do Brasil incidem diretamente na realidade pragmática, fazendo da aprendizagem dessa língua um fenômeno ainda mais desafiador aos falantes nativos de inglês, língua que, em vista dessa característica, difere-se bastante da nossa (cf. Koike, 1992).

Outra possibilidade de se desvendarem as questões proeminentes da relação entre L1 e L2 seria uma pesquisa baseada em relatos escritos pelos próprios alunos acerca de suas percepções e sensações durante seu processo de aprendizagem. Durante o desenvolvimento do projeto que deu origem a esta tese, aplicamos em algumas de nossas turmas uma atividade chamada “diário de aula”.

Nos cinco minutos finais de cada aula, os alunos recebiam a seguinte proposta de composição escrita:

Como você tem se sentido ao interagir na cultura brasileira? E ao empregar o português para poder se comunicar? Você tem se identificado com os brasileiros ou se sente muito diferente?

Fale sobre seus sentimentos e emoções (alegria, frustração, liberdade, solidão, cansaço, ansiedade, felicidade, prazer, conforto, desconforto etc.) durante o dia de hoje, incluindo nossa aula de português.

Com isso pudemos conhecer um pouco mais de cada um dos alunos e reduzir a barreira afetiva, além de levá-los a praticar o português escrito e adquirir o vocabulário relacionado a sensações, destacado acima em negrito. Essa atividade foi aplicada em duas turmas de Nível II (Intermediário), com o mesmo perfil daquelas descritas no capítulo anterior, durante o segundo semestre de 2009. Transcrevemos abaixo as passagens que exprimem mais claramente a construção ou desconstrução de identidade peculiar ao processo de aprendizagem de L2 em contexto de imersão. Os nomes dos alunos foram omitidos para que não possam ser identificados, e a reprodução das passagens foi feita *ipsis litteris*. Em relação a alguns alunos, transcrevemos mais de uma passagem.

Sueca – 18 anos

Hoje eu fiquei um poço cansado na cabeça porque a rua e muito estrassado com muitas gente, carros e ônibus. Mas quando eu cheguei para escola meu sinto mas calma porque aqui e mais harmonica e eu gosto de sentar pela parque.

Mexicana – 24 anos

Hoje tenho me sentido muito bem, acorde cedo e ligue para meus pares para felicitar les pelo seu aniversário do casamento, também senti frustração por não estar lá com eles, mais sinto que é preciso para eles ficar sozinhos em um dia de celebração como hoje. Gostaria muito de ter a minha família junta aqui, trizeria muita felicidade para mim.

Eu tenho me sentido muito bom, cada dia que passa acho mais parecido a cultura brasileiro à mexicana, meu português não é muito bom, mais consigo comunicar me bem e normalmente entendo quasi tudo, isso deixa mais tranquila.

Francesa – 34 anos

Hoje me sinto muito confortável, à vontade na vida carioca. Antes da aula, eu encontrei mulheres francesas duma associação (a primeira vez) e eu vi que eu estava falando português com elas que não tinham pegado cursos quando elas chegaram. Então fico muito satisfeita da minha integração no país e muito feliz por ficar perto das pessoas aqui.

Suíça – 25 anos

Hoje me sinto solidão por que eu tive uma grande discussão com meu namorado ontem. Por isso eu me sinto frustrado e tenho saudades da Suíça. Mas a aula de português fiz o dia um pouco melhor.

Eu sinto bem. Hoje eu estou um pouco cansada, mas feliz. Eu gostei muito de primeira parte de aula porque nos conversamos muito!

Canadense – 48 anos

Acho que a cultura brasileira é uma cultura muita rica e variada. Eu tenho muito interesse sobre literatura, musica e belas artes do brasil. Acho mesmo sobre natureza. Então, eu me sinto confortável aqui.

Japonesa – 34 anos

É muito difícil para comunicar em português para mim porque não é meu língua. Eu tomara que fale mais, mas não consigo agora.

Inglesa – 21 anos

Aquí no Brasil eu me sinto confortável, gosto muito a cultura Brasileiro mas às vezes me sinto frustração quando não posso falar o português perfeitamente. Fisicamente me sinto totalmente diferente porque tenho o pelo loiro, e então às vezes me molesta a gente quem venda as coisas turísticas na praia.

Norte-americana – 20 anos

Eu me sinto muito confortavel com a cultura brasileira. Me sinto que as pessoas são mais abertos e simpaticos que na cultura americana. Embora, as vezes me sinto frustração com homens. Eles me dam muito desconforto porque as vezes são muito agresiveis. Eu me sinto felicidade porque eu acho que meu português está melhorando. Eu posso comunicar 75% do tempo com pessoas. Então, não me sinto solidão.

Italiano – menos de 30 anos

Eu gosto muito da cultura brasileira e de falar portugues tambem. Acho que todo sempre é muito alegre aqui, o brasileiro quiere fazer festa, cantar e dançar e iso é uma manera de ver lá vida sempre com felicidade e isso ve-se tambem com a lingua que se fala sempre muito divagar e com muita energia. Gosto muito de aqui.

Norte-americana – 20 anos

Eu, do começo, estou-me sentindo muito feliz aqui no Brasil. Eu já conheci muita boa gente (estrangeiros e brasileiros) con quem eu gosto de sair, etc. Quando faço qualquer coisa no Rio, eu sempre mi sinto bem, e os brasileiros são sempre legais. Quero melhorar o meu portugues, muito, então vou começar a estudar e falar mais.

Alemão – menos de 25 anos

Depende, atem coisas quando eu me identificando mas tem situaçoes quando eu me sento muito diferente. Eu não sento que eu tenho a liberdade aqui como eu tenho na Alemanha. Tambem aqui é as vezes desconforto e tenho frustração porque nada vai eficiente. Mas tambem sento muito conforto aqui, porque as pessoas têm mais felicidade.

Finlandês – 22 anos

Hoje me sinto muito mais confortável que quando cheguei no Rio, porque já conheço varios lugares e posso falar e entender o português melhor. As vezes sinto saudades da minha família e meus amigos na Finlândia, mas felizmente já tenho muitos amigos aqui também. A única coisa que ainda me frustra é a violencia nas ruas.

Norueguês – menos de 25 anos

Gusto a cultura carioca muito. A Noruega a gente são bem diferente, mas temos muito que aprender daqui. Posso comunicar com os brasileiros, mas é mais fácil falar de entender. Geralmente sou com muito felicidade aqui!

Inglesa – 21 anos

Estou contente com minha progresso oral de português, mas tenho que deixar falando Inglês durante as horas de aula. Eu quero trabalhar mais duro e ir para nível cuatro durant o ano que vem. Estou feliz com minha profesora e eu gosta das clases. Tenho frustração com meu sotaque, porque sempre palavras Espanoles. Posso identificar com os brasileiros, mas as vezes não posso entender seu sotaque.

Belga – mais de 30 anos

Eu me senti muito bem aqui no Rio. Acho que Rio e uma cidade muito legal e um prazer de morar aqui e eu tem uma vida confortavel, feliz e eu me senti muito alegre. Meu português se melhorou e eu posso fazer pequenas conversações com os brasileiros, mas precisa ainda melhorar de mais.

Esses breves relatos traduzem bem a forte presença da língua e da cultura materna desses alunos em contraste com a língua portuguesa e a cultura brasileira na qual estavam imersos, e servem como mais um dado a apontar para a presença inalienável da L1 no desenvolvimento de L2 e, conseqüentemente, para a urgente necessidade de compreendermos melhor o papel da L1 nesse processo, mais ainda na área de PL2E, cuja sala de aula vem se tornando cada vez mais multicultural e multilíngue. Acreditamos ter dado, com este trabalho, um primeiro passo nesta caminhada, e esperamos que os relatos acima possam servir de inspiração para futuras pesquisas, referentes a outras línguas maternas em contraste o português como segunda língua.